



ID: 113395834

01-10-2024

VISTA ALEGRE

# DA FONTE QUE ALEGRA A VISTA



MUSEU  
Bem-vindo  
Bem-vindo

ID: 113395834

01-10-2024

Nasceu como aldeia industrial, a primeira sonhada por iniciativa privada, e cresceu à volta de uma capela e de uma fábrica para ser casa, escola e formação dos operários. Hoje, ainda é tudo isso e é museu e é um hotel que é todo um destino. Bem-vindos à Vista Alegre.

TEXTO **IVETE CARNEIRO**  
FOTOGRAFIAS **MARIA JOÃO GALA**



## VISTA ALEGRE

**I**sto era tão bom que nem os maridos íamos arranjar fora.” Céu Rocha fala com o olhar irrequieto, ora posto num galho da Bela Sombra que cobre um entroncamento do bairro, velho como a história, ora deitado sobre a imagem de uma minúscula casinha na paisagem que encima desde 1972 a plateia do Teatro Vista Alegre. “A minha casinha do rio. Era tão quentinha.” Hoje parece um barracão entaipado a aguardar destino. Perdeu a vida, como muito do bairro por onde nos passeia, porque os tempos o determinaram, não foi cometido aqui nenhum crime.

Estamos num lugar que deve o nome a uma fonte e ao bispo que em volta dela fez erguer uma capela e toda uma história. Manoel de Moura Manoel, douto prelado de Miranda do Douro, doutíssimo reitor da Universidade de Coimbra, alentejano de Serpa e juiz da Inquisição, não necessariamente por esta ordem nem em simultâneo. Diz-se que terá sido posto aqui numa espécie de preventiva porque teria, ó sacrilégio, criação. Ou então diz-se que era amigo do dono do palácio e que tomou a liberdade de erguer a dita capela nos finais do século XVII. Hipocondríaco – diz-se, mais uma vez –, dedicou-a à santa de eleição, Nossa Senhora da Penha de França, herança dos genes espanhóis do bispo pleonástico. Mandou encarrear a água para a fonte, deu-lhe nome de Carapichel, seria uma florzinha do rio vizinho (da



ria, dirá o leitor, pode dar-se o caso de termos ambos razão), e viu crescer uma peregrinação à bica que daria “remédio à vida”. Ou teria uma moura encantada adormecida nela. “Bebe, pois, bebe à vontade/acharás que é (muitas vezes)/ tão útil para a saúde/quão para a vista alegre.” Escrevinhou Manoel e assim se lê hoje na frontaria, cuidadosamente enquadrada e preservada, mais o seu sistema hidráulico, no hotel que lhe cresceu à volta. E adotou o nome da fonte, do lugar, do bairro, da marca. Vista Alegre.

“Os moliceiros passavam a toda a hora. Havia um senhor que pescava e a que chamávamos o Senhor Pescador. Agasalhava-se à nossa varanda e dormia dentro da proa. Ele e a senhora Ana. Lembro-me de os meus pais irem buscar os meninos para não ficarem no barco nas noites de mau tempo.” Céu vive hoje numa das casinhas de pedra que cresceram como cogumelos numa horta organizada à volta da Real Fábrica do Vidro, Cristal, Porcelana e Processos Químicos da Vista Alegre. Um nome grande onde não cabe todo o mundo dela. Esse mundo da casinha de madeira de cujo quarto o pai pescava deitado e onde a avó ia dar, muitas vezes, com um caranguejo a passear. Esse mundo refletido neste braço de ria que inunda Ilhavo, para onde o pai ia à pesca da enguia com uma braseira no barco a guiar-lhe a visão. Esse mundo onde nasceu toda a árvore genealógica de que se lembra, uns a partir pedra, outros no gesso ou no desenho, outros a servir na casa do administrador, enfim, e a árvore genealógica que se lhe seguiu também. A do filho que nasceu sobre a maré, a da filha que já viu a luz cá em cima, a do marido pescado ali mes-

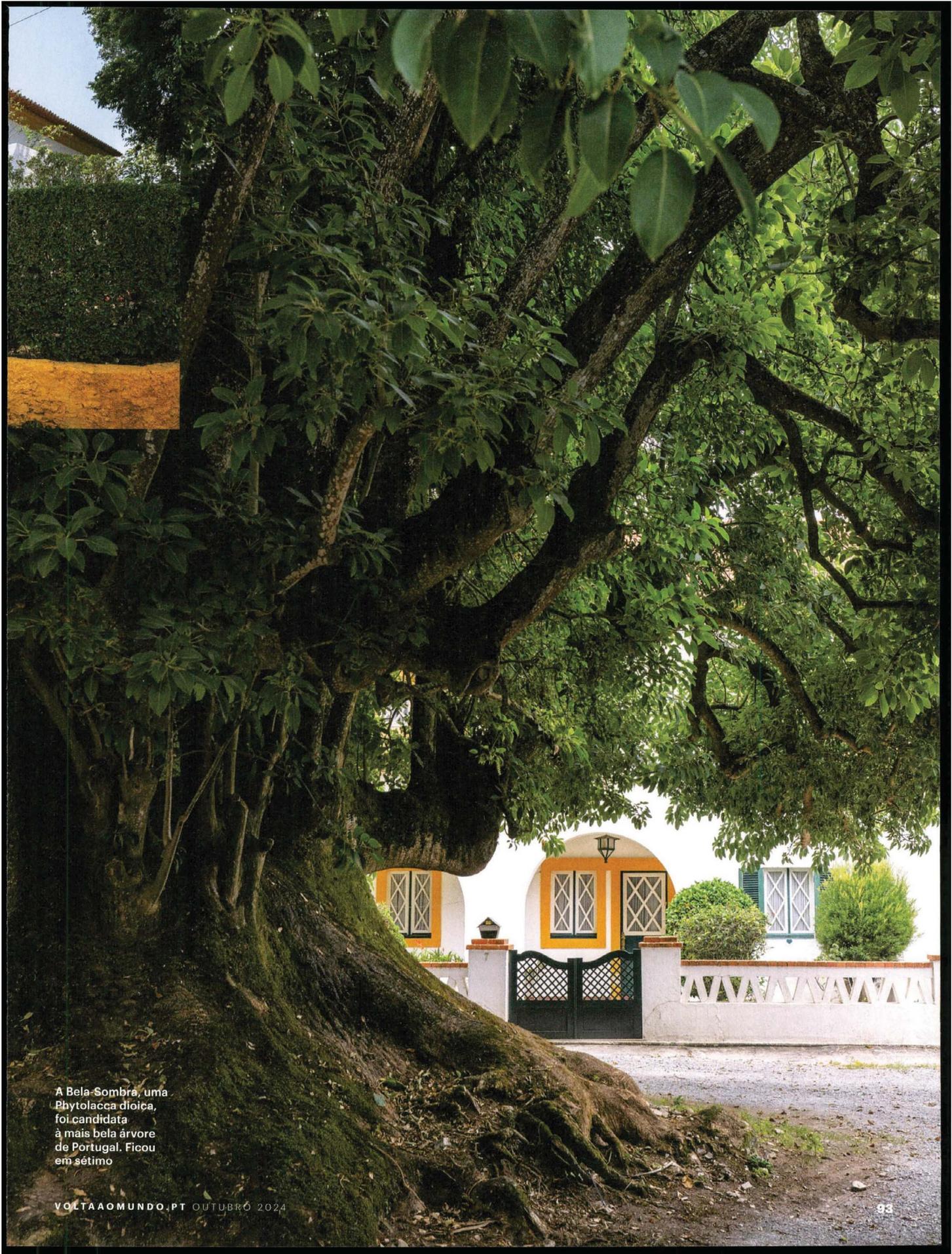


▲ O bairro construído para os trabalhadores onde ainda vivem alguns resistentes e que mantém a aura antiga de uma aldeia muito especial

◀ Céu Rocha mostra-nos o teatro e todo o passado de um lugar que respira o cuidado com que se toca em porcelana

ID: 113395834

01-10-2024



A Bela-Sombra, uma *Phytolacca dioica*, foi candidata à mais bela árvore de Portugal. Ficou em sétimo

ID: 113395834

01-10-2024

## VISTA ALEGRE

Da esquerda para a direita, vemos o palácio do fundador, a capela e a casa do mestre pintor Victor Rousseau



### GUIA DE VIAGEM

#### Montebelo Vista Alegre Ílhavo

Quarto duplo com pequeno-almoço a partir de 180 euros <https://montebelohotels.com/montebelo-vista-alegre-ilhavo-hotel/pt/home>

#### Museu Vista Alegre

110 horas – 19 horas.  
Bilhete adulto 6 euros, sénior e estudante 3 euros, família 16 euros. Inclui visita à capela e à Oficina de Pintura Manual. Visita guiada ao bairro por marcação. Workshops de pintura e olaria na creche, atual Serviço Educativo.

#### Lojas

Vista Alegre, Outlet e Bordallo Pinheiro no recinto do espaço fabril.

mo, eram tantos – “chegámos a ser 500 trabalhadores a viver no bairro” –, Júlio, que herdou a filha de João Fernando Figueiredo da Rocha e o seu lugar de comandante dos bombeiros da Vista Alegre, corpo privativo da fábrica.

Tudo era assim no socialismo utópico que José Ferreira Pinto Basto sonhou para aquele cantinho de Ílhavo. Oriundo de uma família burguesa do Porto, era dono e senhor do comércio do tabaco e do sabão no princípio do século XIX e das campanhas no Oriente trazia porcelana. Encantou-se de tal modo com a faiança fina que montou um forno na sua casa de Lisboa para treinar a arte. Por alguma arte do destino, acabou a comprar o palácio abandonado do bispo Manoel mais a sua capela de água bendita e já então decorada com um pormenor que ainda faz dela a mais preciosa da diocese. Comprou o bispo também, pois então, que quis ficar ali para sempre num túmulo digno de Richelieu desenhado por Claude Laprade de onde um prelado de pedra se ergue do leito da morte perante a visão da Senhora da Penha de França. E comprou o ossuário de uma mulher. Era 1814. Foram precisos dez anos de marés a subir e a descer para que a Real Fábrica abris-

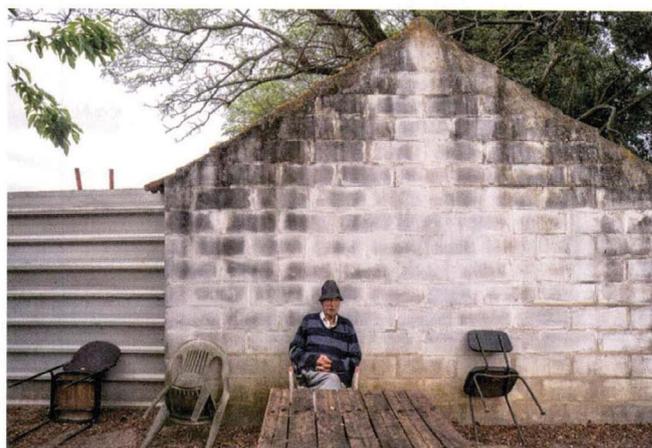
se os gigantescos portões aos trabalhadores. Há 200 anos. Primeiro para arte em vidro e cristal, só depois, descoberto o ingrediente secreto – o caulino –, em porcelana.

Socialismo utópico, dizíamos então. Não bastou a José Ferreira Pinto Basto, “o fundador”, construir uma fábrica. Quis fazê-lo como raramente se fez. Como raramente se faz. Construiu uma vila inteira. Essa que hoje se descobre pela mão de Céu, num destino com hotel cinco estrelas e uma profusão de histórias. “A Vista Alegre é um lugar mágico”, diz ela. “Atrás de cada pedra e atrás de cada árvore há uma história. Já ando há 63 anos a ouvir histórias. É muita história.” E conta-as brilhantemente, ou não fosse ela da trupe do teatro que ainda hoje o é, apesar de já não sentir vibrar nas suas pranchas os bailes de Carnaval e dos namoricos. Pararam há 40 anos e ela lembra-se melhor do que ninguém que o último foi para juntar dinheiro para o futebol. Lembra-se porque não foi ao baile: era 10 de novembro e estava a trazer a filha Ana Rita ao Mundo.

Havia barbearia. Dormitório para o técnico de máquina que vinha de quando em vez. A casa do administrador e a casa do mestre pintor, construída para Vítor Rousseau, fran-

ID: 113395834

01-10-2024



cês trazido de Inglaterra por um dos 15 filhos do fundador. Havia a casa do abono onde as mães iam buscar a contribuição para os filhos. A casa do farnel onde se aquecia o dito e se comia em mesas corridas (modernamente foi trocado por um refeitório). “Havia terrenos só de flores para enfeitar a capela.” E três jardineiros diários. Um cartão do cinema. Uma creche e uma escola. Bombeiros. Havia uma equipa de futebol – ainda há. Havia um bairro da quinta, comboio de casas. Quermesses com louça doada pela fábrica para fazer rifas e juntar para o que fosse. Havia sindicato e comissão de moradores. E um sistema de rendas cristalino como o vidro: “Paga-se a luz e um dia de ordenado por mês por cada trabalhador. Éramos cinco, pagávamos cinco dias. O meu pai costumava dizer que aqui o ganhava aqui o gastava. Desconta a luz como descontava o passe do autocarro e as compras na cooperativa”.

Havia. “Hoje, a trabalhar, somos quatro ou cinco do bairro. O resto está tudo reformado.” João António dos Santos André é um deles, 84 anos rijos e uma almofada debaixo do braço para aconchegar o descanso da tarde em frente à Fonte dos Amores. Conta 40 anos de fábrica, nas obras, como apontador e encarregado. Como os outros contarão de pintura, de forno, do que a porcelana pedisse. Ali é o sindicato também, mas o deles, dos que têm história nas veias e, “às vezes, trazem comer”. Está prevista uma sardinhada, confidencia. Não nos disse quando. Lá ao fundo, Alice, mãe de Céu, atarefa-se no caminho, sorridente. “O meu pai... não o arrancam da Vista Alegre. Tudo isto mexe com ele. E leva-me a mim” nessa paixão. “A minha geração acaba e é a última a viver aqui.” Definitivo. Trágico? Não. As casas vão fechando as portadas como pálpebras que des-

▲ O museu da Vista Alegre oferece uma viagem que arranca nas tentativas iniciais e passa por baixelas reais até chegar à arte decorativa. À direita, João António, 84 anos, no sindicato dos reformados, junto à Fonte dos Amores

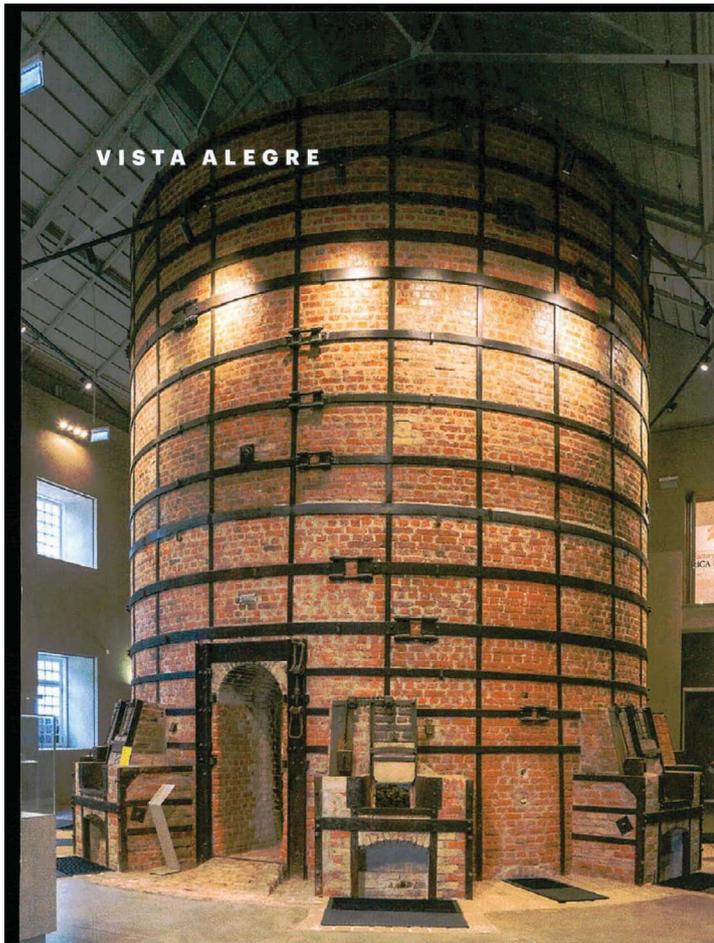
▶ António Machado de Matos, diretor do hotel, na escada que une dois séculos

▼ Ana Paula Gravato deixa a sua marca num refrescador a cargo de dez artistas



cem sobre o fim de uma história, a maior parte dos funcionários vive fora da Vista Alegre, para ter casinhas mais modernas, ou porque veio de fora para trabalhar.

Teresa Dias, 36 anos de casa, vive fora do bairro. Mas lembra-se de servir as mães no refeitório para ter almoço grátis. Pinta minuciosas flores em rosa quase sépia misturando aguarrás e tinta em pó na oficina de pintura da fábrica. Ana Paula Gravato, 44 anos de casa, vive fora do bairro. Deixa a sua parte num refrescador que levará outras nove, numa obra coletiva que há de custar 15 mil euros. Armando Grave, 42 anos de casa, também vive fora do bairro. É o encarregado das artesãs e conta a esperança depositada num curso profissional em parceria com a escola de Ílhavo para renovar gerações. Para que os visitantes que desfilam por ali depois de desfilarem pelo museu possam continuar a desfilarem perante uma arte única. Uma arte sonhada por um mercador apaixonado por porcelana cujo sonho foi comprado por um grupo económico quando estava a definir. E que agora expande horizontes e sócios – Cristiano



◀ Um dos fornos antigos da fábrica acolhe os visitantes na entrada do museu

▼ A arte da Vista Alegre está exposta em todo o hotel, da mesa aos quartos, sem esquecer todos os elementos decorativos. É como dormir e jantar numa montra

Ronaldo é o derradeiro nome a entrar no capital da Vista Alegre.

Gostaria Nuno Fernandes que CR7 entrasse também no campo do Sporting Clube Vista Alegre. A pequena equipa que um Pinto Basto – diz-se que foi o fundador quem trouxe de Inglaterra para Portugal a primeira bola de futebol – quis criar há mais de cem anos para os trabalhadores fez-se gente e não só arrebatou campeonatos distritais como foi chão que catapultou Leonor Alves para o estrelato da seleção feminina. Nuno olha com orgulho os jogadores que treinam diante da nossa conversa. Alguns são filhos de funcionários e todos os mais de 270 atletas do clube conhecem a cantilena. “123 Talé Talé”, Vista Alegre, pois então, que até nas camisolas está o desenho da louça. Porque a louça é omnipresente. Céu, tem louça Vista Alegre em casa? “Então? Nem tenho outra! Uso tudo. Amanhã fecho os olhos e depois?”

A louça é a alma de todo o lugar. Da fábrica, da bola, dos trabalhadores-moradores, do museu e do hotel que lhe cresceu à volta e se quer “uma montra da Vista Alegre”. O grupo Visabeira comprou a empresa em 2009, para modernizar uma produção em franca queda. E acabou por lhe acrescentar a hotelaria que



96





▲ O hotel começou por ocupar uma área dos antigos armazéns e acabou por recuperar o palácio, numa ligação contínua à capela



já praticava noutras partes. Nasceu em 2015 o Montebelo Vista Alegre Ílhavo Hotel, um edifício de raiz que cresceu onde havia um armazém e se fez como que em prolongamento do bairro. Está ligado ao palácio do fundador sem obnubilá-lo e enfrenta a ria que se mistura com o rio Boco e espelha a Gafanha da Boavista. Nos seus flancos, as ruínas do sistema hidráulico da fonte do Carapichel e as paredes do armazém de antanho, expostas numa sala cuidadosamente apelidada de “Sala das Curiosidades ou das Origens”, são a linha que une os três momentos temporais que marcam o território: o hotel do século XXI, a fábrica do século XIX e o retiro do bispo do século XVII.

E se a experiência de estadia na modernidade da ala inicial (com pisos temáticos dedicados à porcelana) é mais parecida à de outras unidades do grupo, ficar no palácio entretanto somado à disponibilidade hoteleira é a garantia de viajar no tempo. Do gigantesco lobby, com paredes da cor da pasta líquida que dá origem à porcelana e ornamentado por litogravuras originais e por uma instalação com peças do artista francês San Baron, sobe-se ao primeiro andar por uma escadaria que percorre os canais da fonte e, daí, por uma escada em caracol, chega-se ao

passado. Estamos no século XIX, numa sala com oratório e toda a solenidade que isso exige. O palácio é uma sucessão de escadarias e áreas comuns amadeiradas, de salas de jantar de antanho e de lustres a preceito. E os quartos condizem. Numa suite, uma janela abre-se diretamente sobre a nave da capela, próxima dos frescos do teto e com vista picada sobre o túmulo do bispo. Seria para maior conforto da família na hora da missa. Há outro quarto sobre o altar, toda esta casa é um intrincado de vidas a que nem falta o ferro para limpar a lama do sapato à entrada.

O hotel foi estendendo espaços. O bairro da quinta é feito de apartamentos e, atrás, o comboio moderno envidraçado esconde estúdios. Antes deles, a casa Vítor Rousseau soma mais alojamento e, mais recente no portefólio, a villa que era do administrador é o espaço reservado a grupos. O Montebelo soma 173 quartos (com louça Vista Alegre, claro), piscina interior e piscina exterior aquecida, spa, ginásio, restaurante com carta inspirada na região (e louça Vista Alegre, claro) e uma fluvina, contabiliza António Machado de Matos, diretor do hotel e, a par de Céu, guia exímio pela história deste lugar ímpar de onde, em tempos, nem era preciso sair para encontrar a felicidade. ◀



ROBERTO MOIOLA/SYSAWORLD

## PRÓXIMA PARAGEM

### 30 DESTINOS QUE NOS MARCARAM

A imagem é das Maurícias. Podia ser da Islândia. De São Tomé. De Miami ou de Santo Antão. Nos 30 anos da Volta ao Mundo, damos efetivamente a volta o Mundo em 30 crónicas de viagem.

ID: 113395834

01-10-2024

90

**VISTA ALEGRE**

Mais do que uma louça  
bicentenária, é de um bairro-  
museu que aqui falamos.

